

RAZÃO E PAIXÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA HISTORIOGRAFIA ENGAJADA: UMA HOMENAGEM A ERIC J. HOBBSBAWM E E. P. THOMPSON

ALEXANDRE FORTES*

RESUMO

O artigo presta uma homenagem aos historiadores marxistas britânicos Eric J. Hobsbawm e Edward Thompson. Analisando as similaridades e diferenças entre as obras de ambos, destacamos os frutíferos diálogos mantidos por eles e a complementariedade dos seus projetos historiográficos. Por fim, argumentamos que a crítica ao utilitarismo liberal que perpassa a formação da classe trabalhadora de Thompson se associa fortemente ao seu distanciamento em relação a qualquer concepção do marxismo como um sistema teórico fechado, bem como à sua denúncia do elitismo intrínseco ao vanguardismo esquerdista, posições que se aproximam, por vias, distintas, das de Hobsbawm.

PALAVRAS-CLAVE: Eric J. Hobsbawm, E. P. Thompson, historiadores marxistas britânicos, utilitarismo, marxismo.

ABSTRACT

This article pays homage to British Marxist historians Eric J. Hobsbawm and Edward Thompson. Analyzing the similarities and differences among their works, we highlight the fruitful dialogues they have established and the complementary character of their historiographical projects. Finally, we argue that the criticism of liberal utilitarianism that crisscrosses the making of the English working class by Thompson, is strongly linked to his distance regarding any understanding of Marxism as a closed theoretical system, as well as to his denunciation of the intrinsic elitism of leftist vanguardism, standings that get him close, by distinct ways of Hobsbawm's.

KEYWORDS: Eric J. Hobsbawm, E. P. Thompson, british marxist historians, utilitarianism, marxism.

Olhemos a história como história, homens situados em contextos reais (que eles não escolheram) e confrontados por forças incontornáveis com uma urgência esmagadora de relações e obrigações, dispondo, apenas, de uma oportunidade restrita para inserir a sua própria ação – e não como um texto para fanfarronices do tipo assim deveria ter sido.¹

O engajamento pode servir para contrabalançar a tendência crescente de olhar para dentro, em casos extremos o escolasticismo, a tendência a desenvolver engenhosidade intelectual por ela mesma, o auto-isolamento da acadêmica. De fato, ele pode ser vítima dos mesmos perigos, caso se desenvolva um ‘campo’ de erudição engajada suficientemente amplo. Existe neo-escolasticismo marxista suficiente, em campos como a filosofia e a sociologia, para servir de saudável advertência.²

Fui convidado pelo comitê organizador do XXVII Simpósio Nacional de História a realizar uma homenagem a Eric J. Hobsbawm, falecido em outubro de 2012. Hobsbawm, como é sabido, foi responsável por uma vasta produção sobre uma grande diversidade de temas relacionados à história contemporânea. Sem ser um brasilianista, manteve forte relação com nosso país, que visitou diversas vezes e no qual, por décadas, a grande maioria de suas obras foi traduzida e publicada, várias delas constituindo-se em grandes sucessos editoriais.

Por minha sugestão, a homenagem se estendeu a E. P. Thompson, outro grande nome da história marxista britânica, já que coincidiam, em 2013, os vinte anos do seu falecimento e os cinquenta da publicação de *The making of the English Working Class*³ (*A formação da classe trabalhadora inglesa*), livro que se tornou um clássico instantâneo, exercendo desde então grande influência na renovação dos estudos sobre história do trabalho e em outros campos da história social.

Hobsbawm e Thompson, como bem sabem os integrantes da nossa profissão, costumam ser mencionados conjuntamente, como dois dos mais destacados ex-integrantes do grupo de Historiadores do Partido Comunista da Grã-Bretanha. Não raramente, porém, ambos são encarados como expressão de visões historiográficas diferenciadas, quando não opostas. Os motivos para tanto variam. De um lado, há o

complexo e muitas vezes mal compreendido debate sobre a cronologia do processo de formação da classe operária britânica, já analisado por Antonio Luigi Negro em um artigo publicado na *Revista Brasileira de História*.⁴ Além disso, de forma geral, Hobsbawm costuma ser visto como um marxista “mais ortodoxo”, enquanto Thompson é identificado como um autor mais “heterodoxo”, opinião que se deve a diversos motivos, dentre eles o maior interesse do primeiro pela história econômica, sua permanência no Partido Comunista da Grã-Bretanha e seu empenho na elaboração de obras que oferecem uma visão panorâmicas da história contemporânea. As diferenças também existiam no âmbito pessoal. Colegas que tiveram convívio mais próximo com um ou outro relataram evidências de conflitos, ressentimentos e ironias recíprocas. Não é difícil imaginar os motivos para isso. Além das diferenças políticas e teóricas, ambos possuíam temperamentos claramente distintos.⁵

Seguindo nossa comparação entre os dois autores, podemos mencionar que em termos de estilos eles possuem notáveis semelhanças, particularmente na opção comum pela demonstração de teses complexas por meio do encadeamento da análise de fatos e dados empíricos. A escrita de ambos busca, claramente, ampliar o universo dos leitores de trabalhos acadêmicos de história, em contraposição ao invés do elitismo que, por detrás de linguagem hermética, esconde muitas vezes análises inconsistentes. Mas as diferenças são igualmente marcantes. É provável, por exemplo, que o leitor familiarizado com ambos identifique imediatamente no título desta conferência o polo da “razão” com o estilo *cool* de Hobsbawm, seu texto conciso e preciso; e o polo da “paixão” com a narrativa envolvente, permeada de ironias e alegorias de Thompson.

O debate historiográfico entre eles, vale ressaltar, sempre foi marcado por reverência de parte a parte, mesmo quando divergências eram

explicitadas. Muitos ficam intrigados com o fato de Thompson referir-se ao “Dr. Hobsbawm” em *A formação da classe operária inglesa*, um formalismo que ele reserva para poucos autores. Mas qualquer possibilidade de ironia fica descartada quando verificamos que o anexo bibliográfico inserido na segunda edição britânica indica que os estudantes que quisessem “situar essa história num contexto [europeu] mais amplo” deveriam ler *A era das revoluções*, de Eric Hobsbawm.⁶ A contrapartida de Hobsbawm fica evidente, por exemplo, em artigos como *O fazer-se da classe operária*, que o autor explica ser “tanto um tributo quanto uma crítica ao extraordinário livro de Thompson”,⁷ ou em *História Operária e Ideologia*, no qual “a formação” é mencionado como ponto de inflexão entre a história militante e história acadêmica do movimento operário, ou seja, como um dos raros livros a combinar as qualidades de ambos os momentos da história do trabalho.⁸ Em sua autobiografia, *Tempos interessantes*, uma vez mais Hobsbawm não poupa elogios à obra mais conhecida de Thompson, que ele classifica como “um vulcão histórico em erupção”, que ergueu o autor, à fama mundial da noite para o dia.⁹ Sucesso merecido, avalia Hobsbawm, já que Thompson teria sido:

O único historiador que eu conheci que tinha não apenas talento, brilho, erudição e o dom da escrita, mas a capacidade de produzir algo qualitativamente diferente do resto de nós, a não ser medido pela mesma escala.¹⁰

Esquivando-se de críticas ou ajustes de contas mais incisivos em relação às divergências entre ambos, Hobsbawm vincula a trajetória política de EPT após a sua saída do PCGB ao fato dele ser um “romântico por natureza”,¹¹ e registra afetuosas lembranças das férias passadas, por anos a fio, na mesma aldeia do norte do País de Gales pelas famílias de ambos, juntamente com vários outros cientistas e

intelectuais cuja formação ligava-se de alguma forma à Universidade de Cambridge.¹²

Para analisarmos as aproximações e distanciamentos nas trajetórias de ambos, podemos focar alguns grandes marcos históricos. Em primeiro lugar, destacamos a experiência comum de Hobsbawm e Thompson como integrantes de uma geração cujas concepções políticas e intelectuais foram forjadas pelo seu engajamento na luta antifascista durante a juventude. Hobsbawm, tanto em seus escritos políticos reunidos em coletâneas como *Estratégias para uma esquerda racional*,¹³ quando em *Era dos extremos*,¹⁴ analisa detidamente o que ele denomina de estratégia de “unidade em círculos concêntricos” que teria caracterizado a política antifascista. Essa estratégia partia de uma “frente única das correntes políticas operárias”, ampliando-se em uma frente mais ampla de “defesa da democracia” e por fim em uma ainda mais abrangente de “defesa nacional”.¹⁵ Para Hobsbawm, ela teria representado um grande salto qualitativo que possibilitou à esquerda sair do isolamento sectário, conquistar apoio de massas significativo, ampliar o número de experiências nacionais visando à construção de uma “alternativa socialista” e participar da disputa de hegemonia mesmo em algumas sociedades capitalistas avançadas.

A Segunda Guerra Mundial tem lugar central nas memórias dos dois historiadores. Hobsbawm lamenta profundamente não ter ido a combate quando se alistou, e atribui o fato de ter permanecido em funções burocráticas na Inglaterra à desconfiança em relação à sua condição de emigrado e ao anticomunismo do Exército Britânico.¹⁶ Já Thompson, segundo Bryan Palmer, chegou a “comandar um batalhão de infantaria motorizada” na Itália, além de ter ficado profundamente marcado pela morte do irmão, Frank Thompson, que o recrutara pouco tempo antes para o Partido Comunista, durante a luta pela libertação da Bulgária das tropas nazistas.¹⁷ A breve janela de oportunidade aberta para a

continuidade da solidariedade antifascista no imediato pós-guerra era simbolizada para Thompson na sua experiência de participação na construção da “ferrovia da juventude” na Iugoslávia, da qual também participou sua futura esposa e colega historiadora, Dorothy.¹⁸

A relação entre o engajamento antifascista dos jovens Hobsbawm e Thompson e suas futuras carreiras como historiadores passa pela formação do Grupo de Historiadores do PCGB, sob a influência de uma geração mais antiga de intelectuais marxistas britânicos, tais como Maurice Dobb e Donna Torr. Foi um dos integrantes mais maduros, A. L. Morton, que concebeu aquele que se tornaria o principal projeto coletivo desse grupo: a elaboração de uma “História do Povo Britânico”, com o objetivo de contestar a hegemonia das concepções conservadoras e liberais no Reino Unido, contribuindo assim para a construção do “Caminho britânico para o socialismo”, estratégia oficial do partido no qual todos eles militavam.¹⁹ É interessante destacar que, décadas mais tarde, Thompson tenha atribuído o fascínio exercido pelo pensamento estruturalista sobre os jovens marxistas dos anos 1960 e 1970, à “penosa exposição” à Guerra Fria, que caracterizaria uma geração crescida à sombra da polarização do mundo em dois blocos estanques, em contraponto ao voluntarismo e à crença nas possibilidades transformadoras da ação humana que teriam marcado a sua própria juventude.²⁰

Mas se a experiência antifascista aproxima nossos dois autores, o ano de 1956 representa uma encruzilhada na qual tomaram caminhos distintos. Como é sabido, a revelação dos chamados “crimes de Stálin” no XX Congresso do Partido Comunista da URSS, seguida poucos meses depois pela invasão soviética da Hungria provocaram uma grave crise no movimento comunista internacional. Diante desse quadro, Thompson, na época um dirigente regional do PCGB tornou-se um dos principais líderes da dissidência que acabou por abandonar o partido. Já

Hobsbawm, que, diga-se de passagem, jamais exerceu qualquer função de dirigente político ao menos após o seu período como estudante em Cambridge, decidiu nele permanecer.²¹

Essas diferentes opções políticas são, sem dúvida, altamente relevantes, já que, particularmente no contexto da Guerra Fria, a decisão por pertencer ou não a um partido comunista tinha evidentemente um grande impacto na vida de um intelectual. É sabido, por exemplo que aqueles que abandonaram o movimento comunista adotando publicamente posições anticomunistas obtiveram quase que imediatamente uma ampliação significativa das oportunidades profissionais ao seu alcance. Entretanto, alguns elementos podem ser apontados para relativizar o grau de divergência política entre Thompson e Hobsbawm a partir do “racha de 1956”. Embora Hobsbawm tenha demonstrado ceticismo em relação ao engajamento de seus ex-companheiros de partido na construção da “Nova Esquerda” britânica, que classificou como “intelectualmente produtiva”, mas geradora de resultados práticos “negligenciáveis”, ele jamais os condenou, ou sequer minimizou os motivos que os levaram a seguir esse caminho.²²

Afinal, como explicou a escrever sobre 1956 algumas décadas depois, a revelação sobre os crimes de Stálin confrontava os historiadores comunistas naquilo que eles consideravam seu principal dever de ofício: a busca constante por utilizar os seus instrumentos de pesquisa e a sua capacidade de análise para chegar o mais próximo possível à verdade. Os detalhes sobre a degeneração do regime gerado por uma revolução que tinha sido vista por muitos militantes ao redor do mundo como o primeiro passo para a emancipação da humanidade das desigualdades sociais intrínsecas ao capitalismo confrontava os historiadores de esquerda, na visão de Hobsbawm, com perguntas inescapáveis: “o que exatamente aconteceu?”; “como foi possível que tenha acontecido?”²³

Embora as opções políticas tenham sido distintas, as perguntas que Thompson e os demais dissidentes se faziam eram as mesmas.

Creio que é a partir daí que podemos situar o desenvolvimento de dois projetos historiográficos distintos, mas em grande medida complementares. Hobsbawm, ao mesmo tempo em que explora uma grande diversidade de tópicos em história econômica, social e política, em uma produção prolífica de artigos posteriormente condensados em coletâneas, concentra suas energias na construção de uma narrativa integrada e abrangente sobre a formação do mundo contemporâneo. Os quatro monumentais livros que resultam desse esforço²⁴ tem como ponto de partida a problemática marxista clássica da origem e desenvolvimento do capitalismo. Mas a metodologia empregada por Hobsbawm não se caracteriza pelo enquadramento da realidade empírica em um molde teórico pré-definido. Ao contrário, o exame de cada tema e período integrados a esse amplo mosaico do processo histórico global contemporâneo é feito permanentemente pelo teste de hipóteses em confrontação com a diversidade das manifestações de cada fenômeno examinado, a partir da qual o autor sistematiza quais são as generalizações cabíveis e quais delas não se sustentam. O resultado, longe de se reduzir ao esquematismo do “marxismo de manual” ou ao caráter “factual” atribuído às *Eras* por leituras superficiais, é na verdade uma atualização do campo de problemáticas inerente ao esforço de análise histórica comprometido com a busca de meios para a superação dos dilemas fundamentais do mundo contemporâneo. Esse esforço interpretativo de síntese, diga-se de passagem, foi construído na contramão das tendências historiográficas que se tornaram dominantes nas mais de três décadas que separam a publicação das primeiras edições de *A era das revoluções* (1962) do lançamento de *Era dos extremos* (1994).

Thompson, por outro lado, dedicou-se à elaboração de estudos históricos que, por meio do mergulho na especificidade de fenômenos da

história social britânica dos séculos XVIII e XIX, deram nova relevância ao primado da “agência” (ou capacidade de ação) dos dominados. Desse modo, buscou valorizar o papel da “experiência” histórica como elemento mediador entre “estrutura e ação.” Esse projeto historiográfico vinculava-se diretamente à defesa de um “socialismo humanista” por parte de Thompson, algo que o autor explicitou em diversos textos de intervenção política, particularmente em *Peculiaridades dos ingleses*, resultado de sua polêmica com Perry Anderson e Tom Nairn publicado em 1963.²⁵ Nessa polêmica, o “espírito de 1956” seria evocado por Thompson para se contrapor aos ensaios interpretativos nos quais os jovens Anderson e Nairn comparavam desfavoravelmente a evolução histórica da Inglaterra à de “outros países europeus” (leia-se, a França). Conforme resumido esquematicamente por Thompson, os jovens historiadores da *New Left* consideravam que a ocorrência de uma Revolução prematura no século XVII teria gerado uma acomodação da burguesia com a ordem monárquica, impedido o desenvolvimento de uma *intelligentsia* autônoma e, assim, tornado “os instrumentos cortantes da razão” inacessíveis ao emergente proletariado. As ilhas britânicas, desse modo, teriam ficado à margem do impulso iluminista, presas ao conservadorismo, ao corporativismo e ao empirismo. À medida que Thompson dedica-se a desmontar ponto por ponto esse teorema, os leitores de *Peculiaridades dos Ingleses* podem comprovar aquilo que os de *A formação da classe operária inglesa*, publicado poucos meses antes, apenas podiam intuir. Ou seja, que o ataque frontal ao “utilitarismo liberal” que se constitui em um dos principais fios condutores da narrativa de *A formação* representa simultaneamente uma crítica à visão do marxismo como sistema teórico autossuficiente que, por sua vez, na visão de Thompson, estaria na raiz do autoritarismo stalinista. Vejamos, portanto, qual o lugar do debate sobre o utilitarismo em *A formação* e de que modo o “Dr. Hobsbawm” surge como um interlocutor nesse debate.

O utilitarismo surge explicitamente como um tema em *A formação* a partir da análise do autor sobre a ascensão das lutas sociais no período pós-Napoleônico, contexto no qual ele identifica uma cisão irreconciliável no seio do iluminismo inglês. Esse momento em que muitos liberais abandonam a crença na “difusão da razão entre um número ilimitado de membros” e aderem ao um “reformismo utilitarista” (expresso nas ideias de Bentham e Malthus, dentre outros) como uma nova ideologia dominante ascendente marca, para Thompson, o distanciamento de uma classe média, que havia se tornado “mais conservadora, mais desconfiada das grandes causas idealistas”, em relação à classe trabalhadora em formação.²⁶ Se uma revolução não aconteceu na Inglaterra em 1831, avalia Thompson, foi em parte devido “à habilidade dos radicais de classe média em oferecer exatamente aquele compromisso que poderia não enfraquecer, e sim fortalecer tanto o Estado como os direitos de propriedade contra a ameaça operária.”²⁷

O diagnóstico de Thompson sobre os rumos do pensamento liberal naquele momento histórico coincide com o de Karl Polanyi, que chama a atenção para o retrocesso intelectual expresso no fato de que uma corrente de pensamento que havia sido pioneira na busca por explicar a sociedade em seus próprios termos, perplexa diante do fato de que o “progresso” produzia cada vez mais pobres, ao invés da felicidade geral, passa a buscar fundamentação nas “ciências naturais” para o entendimento de processos sociais.²⁸ Para Polanyi, prenunciando o que viria a ser, décadas depois, a tônica do darwinismo social, os utilitaristas já encaravam os pobres como um tipo “diferenciado” de ser humano, a ser mantido sob vigilância, disciplina e no limiar da fome, único estímulo capaz de obriga-los a se curvar aos preceitos superiores do mercado auto-regulável, para o bem da ordem social.²⁹

Voltando a Thompson, já no primeiro volume de *A formação*, ele comenta que, após a derrota dos movimentos jacobinos da década de

1890 na Inglaterra, alguns artesãos da antiga dissidência, tais como o mestre alfaiate Francis Place, passaram a “aceitar uma filosofia utilitarista limitada”.³⁰ Place tornou-se personagem chave para a formulação da visão ortodoxa sobre a história do movimento operário britânico por ter sido o primeiro militante de destaque a dedicar-se ao papel de arquivista.³¹ Thompson critica duramente a influência que os vieses e lacunas desse acervo documental exerceu sobre os socialistas fabianos, tais como Sidney e Beatrice Webb,³² justamente uma das “ortodoxias” criticadas no famoso prefácio do livro: aquele que divide os operários do período da Revolução Industrial entre uma maioria de “vítimas do *laissez-faire*” e uma “minoría com visão de longo prazo”.³³ O utilitarismo, via essa memória seletiva dos “vencedores”, teria moldado a leitura histórica do trabalhismo, mas também possuiria forte similaridade com o leninismo, especialmente no que diz respeito à descrença em relação às tendências inatas da massa, consideradas contraditórias com os ditames da ciência e da teoria.

Essa conexão, explicitado pelo autor posteriormente em trabalhos como *As peculiaridades dos ingleses*³⁴ e *Miséria da Teoria*³⁵ nos possibilita estabelecer nova aproximação com Polanyi, um socialista independente cuja crítica a Marx baseia-se precisamente no fato deste ter incorporado à sua análise crítica do capitalismo importantes aspectos do utilitarismo (a teoria do valor-trabalho de David Ricardo). Para Polanyi, ao aceitar a redução do trabalho à lógica econômica, Marx teria sucumbido à ideologia do mercado auto-regulável.³⁶ Thompson também vê o fato de que no “pensamento maduro” de Marx “o homem econômico revolucionário é oferecido com antítese do homem econômico explorado”³⁷ como uma introjeção das teses da economia política liberal com as quais o pensador alemão se confrontou. O distanciamento do historiador inglês desse aspecto da teoria marxista podem ser compreendido pela afirmação, contida na última página de *A formação*, de

que o processo descrito no livro pode ser entendido, justamente como a luta contra a “enunção do homem aquisitivo”:

Esses homens encontraram o utilitarismo em suas vidas diárias, e procuraram fazê-lo recuar, não cegamente, mas com inteligência e paixão moral. Lutaram, não contra a máquina, mas contra as relações exploradoras e opressivas intrínsecas ao capitalismo industrial.³⁸

Considerando-se, portanto, o lugar chave ocupado pelo utilitarismo nas análises de Thompson sobre a formação da classe trabalhadora britânica, vejamos como seu debate com Hobsbawm transcorre ao longo do livro. Em dois aspectos, pelo menos, esse diálogo é claramente caracterizado como uma convergência de opiniões. Ambos autores cerram fileiras em comum na defesa da tradição “pessimista” que identifica uma queda no padrão de vida dos trabalhadores durante a Revolução Industrial, ao contrário das teses propostas por alguns dos precursores do neoliberalismo (tais como Hayek, Ashton e Clapham).³⁹ O fazem, é certo, de modo distinto, mas também complementar. Hobsbawm, como pode ser percebido nos artigos que dedica ao assunto na coletânea *Trabalhadores*,⁴⁰ entrando no território quantitativo do inimigo e oferecendo estimativas estatísticas diversas, baseadas em um leque mais diversificado de bases de dados. Thompson mostrando as inconsistências das metodologias quantitativas para em seguida deslocar o debate para um terreno qualitativo, até chegar à conhecida conclusão de que “é perfeitamente possível que médias estatísticas e experiências humanas conduzam a direções opostas”.⁴¹ Um pouco mais surpreendente, talvez, seja a incorporação por Thompson da categoria “subpolítico”, cuja utilização por Hobsbawm é considerada por alguns leitores prova da sua ortodoxia. Thompson adota o uso do termo sem dificuldades, não, como se poderia imaginar, para hierarquizar diferentes tipos de ação política, mas sim para se referir a certas dimensões da

sociabilidade e da cultura que se relacionam à política propriamente dita, tais como a propensão à rebelião da “multidão londrina”.⁴²

A única diferença explicitada por Thompson em relação a Hobsbawm em toda a longa narrativa de *A formação* remete mais uma vez ao título desta conferência. Ela diz respeito à afirmação do segundo de que secularismo e racionalidade teriam constituído a “tradição principal” no processo constituição de um movimento operário nacional na Grã-Bretanha.⁴³ Ao longo de todo o livro, Thompson valoriza a experiência, as escolhas morais, a paixão, as metáforas, o imaginário. A circulação da palavra, na forma oral e escrita, possui papel fundamental na formação de elos entre experiências de categorias e regiões específicas forjando uma identidade coletiva abrangente. Isso envolve tanto o impacto junto aos setores populares de alguns autores de ampla circulação (religiosos e laicos), tais como Bunyan, Paine, Cobbett, dentre outros, quanto a atuação de oradores e “tribunos populares”. A análise de Thompson sobre como Roberto Owen, um rico industrial, habilitou-se a ser o líder que rearticulou o movimento operário em âmbito nacional, passa precisamente pelo fato dele, ao contrário de outros influentes líderes da luta sindical e por reformas políticas do período, ter “jogado o manto de Joanna Southcott [líder milenarista] sobre as costas”. Com essa metáfora, o autor indica o resgate da dimensão utópica expresso muitas vezes em movimentos com forte teor religiosos que, tachados de “irracionais”, tiveram sua memória apagadas dos anais do processo de construção de classe.⁴⁴

Mesmo aqui, porém, não encontramos uma divergência absoluta entre Hobsbawm e Thompson. Hobsbawm, afinal, reconhece que o metodismo, ao romper com Igreja Anglicana, desempenhou na Inglaterra alguns dos papéis do anticlericalismo francês.⁴⁵ Por outro lado, Thompson concorda com as críticas que Hobsbawm, seguindo a trilha aberta por Elie Hálevy faz sobre os aspectos negativos do metodismo

como legitimador ideológico da disciplina industrial, embora relativize as teses segundo as quais o metodismo “impediu revolução na Inglaterra”.⁴⁶ Ao invés disso, Thompson identificará na própria conversão em massas ao metodismo e suas dissidências um complexo conjunto de tensões. Se a Igreja Metodista destrói suas tradições democráticas originárias à medida que se institucionaliza, e exerce uma pressão anti-iluminista ao consagrar um “emocionalismo imaturo”, ela também dissemina no interior do movimento operário a “força moral dos rebeldes metodistas”. Em síntese, ao rejeitar a tese da “tradição principal” laica e racionalista, Thompson postula que a experiência dos trabalhadores ao longo do seu processo de constituição em classe permanecerá marcada por diversas clivagens: Londres versus “as províncias” (ou Sul versus Norte); intelecto e entusiasmo; os “argumentos do racionalismo” versus a “retórica do amor”. A tensão, conclui o autor “se perpetua no séc. XIX e cada tradição parece se enfraquecer sem o complemento da outra”.⁴⁷

A partir dessa abordagem proposta por Thompson para o entendimento do processo de formação de classe no contexto da Revolução Industrial, creio que podemos concluir que, do ponto de vista do autor, a possibilidade de superação das desigualdades geradas pelo capitalismo implica um processo longo e complexo de construção de uma nova cultura política, baseada na identificação de interesses comuns sem supressão da diversidade de experiências. Daí porque a dimensão utópica é condição fundamental para qualquer movimento visando à transformação social. Thompson chama a atenção para o fato de que, por maior que tenha sido o legado iluminista para o movimento operário, a razão possui limites e não reconhecê-los pode nos transformar em reprodutores da ordem, mesmo sob roupagens revolucionárias. A impaciência com as formas tortuosas pelas quais se desenvolve a consciência de classe alimenta a tentação das soluções teóricas simplistas e das soluções políticas autoritárias. Mas formulações

teóricas esquemáticas, relembram nossos historiadores marxistas britânicos, não dão conta da complexidade do real. Somente ampliando o nosso leque de questões voltadas à investigação histórica, perceberemos que o passado é muito mais rico do supomos, e que ampliar o nosso conhecimento sobre ele nos ajuda a encontrar respostas novas e criativas para os desafios do presente e do futuro.

Que conclusões podemos tirar dessas aproximações e distanciamentos entre dois dos principais expoentes de uma mesma tradição historiográfica? Alguns podem entender que elas representam opções irreconciliáveis. Imagino que tenha ficado claro que esse não é esse o meu ponto de vista. Em minha opinião, o time pode ser escalado com Thompson no ataque e Hobsbawm na defesa se o enfrentamento for contra o utilitarismo liberal. Ou então, com Hobsbawm no ataque e Thompson da defesa se o debate for com o vanguardismo esquerdista. Afinal, creio que ambos concordariam plenamente que os adversários num e noutro caso, no fundo, expressam o mesmo tipo de “voluntarismo elitista”.⁴⁸

Hobsbawm, como é sabido, tornou-se uma *bête noire* para diversas correntes que se reivindicam de “esquerda revolucionária” por sua continuada defesa da estratégia de frentes populares e pelo balanço taxativo de que a Revolução de Outubro, malgrado o heroísmo inicial dos bolcheviques, não foi o início do caminho de superação do capitalismo, gerando, na realidade um modelo para a modernização acelerada de países atrasados. Daí sua afirmação taxativa ao final da vida: “Sigo na esquerda, sem dúvida com mais interesse em Marx do que em Lênin. Porque sejamos sinceros, o socialismo soviético fracassou.”⁴⁹ Sua crítica ao aspecto elitista do sectarismo comum a diferentes ramos da esquerda revolucionária marxista nada deixa a dever à de Thompson:

O comunismo era essencialmente uma fé instrumental: o presente só tinha valor como um meio de alcançar um futuro indefinido. Exceto em

raros casos – por exemplo, guerras patrióticas, em que a vitória justifica tais sacrifícios –, um tal conjunto de crenças serve melhor a seitas ou elites do que as igrejas universais, cujo campo de operação, seja quais forem suas promessas de salvação última, é e tem de ser o alcance diário da vida humana.⁵⁰

Mas se o duro balanço feito por Hobsbawm em relação à tradição leninista o torna alvo natural de crítica por parte de muitas correntes marxistas, o que dizer da recente reivindicação do legado de Thompson por setores do Trotskismo? Em seu balanço sobre a influência do historiador britânico no Brasil, Marcelo Badaró Mattos menciona, a partir do trabalho recente de outro historiador britânico:

(...) fartas evidências coligidas em correspondências e entrevistas (além de umas poucas citações diretas) que Thompson conhecia a obra de Trotsky desde os anos 1950 e era próximo à sua interpretação da União Soviética, apesar de discordar e polemizar diretamente com a corrente dominante no trotskismo britânico na época(...).⁵¹

Ora, não chega a ser surpreendente que um intelectual marxista ocidental de sólida formação, como Thompson, tivesse conhecimento da obra de Trotsky. O fato de que ao romper com o Partido Comunista ele não tenha se convertido a nenhuma das diversas correntes trotskistas pode ser tomado por si só como um forte indicativo de que havia pouca afinidade entre a sua visão do marxismo e a daquela corrente política. É verdade que em textos dedicados ao debate político no final dos anos 1950 Thompson mencionou positivamente contribuições trotskistas para a análise da União Soviética:

Para compreender a posição central da burocracia russa, em primeiro lugar no desenvolvimento, e depois na perpetuação [do stalinismo], temos muito o que aprender das análises de Trotsky e ainda mais da abordagem não-dogmática de Isaac Deutscher e de outros.⁵²

Mas o mesmo texto contém críticas contundentes ao trotskismo em geral (não apenas à “corrente dominante no trotskismo britânico na

época”) em termos que, friso mais uma vez, são profundamente similares ao ataque sistemático de Thompson ao utilitarismo liberal do século XIX. Para o defensor do “socialismo humanista”, o trotskismo seria:

(...)uma ideologia auto-referida, sendo na raiz um “anti-stalinismo” (assim como houve uma vez anti-papistas), surgida do mesmo contexto que o stalinismo, opondo-se à burocracia stalinista mas carreando para essa oposição os mesmos arcaísmos conceituais e atitudes falsos - o mesmo behaviorismo econômico, o mesmo culto à elite, o mesmo nihilismo moral.

A similaridade entre ambas posições políticas voltaria a ser defendida pelo autor em *Miséria da Teoria*:

O stalinismo bloqueia todas as saídas de seu sistema definindo antecipadamente qualquer saída possível como "burguesa". E, infelizmente, sob esse aspecto o trotskismo na realidade fortaleceu o sistema intelectual stalinista. repetindo as mesmas lendas e montando barreiras idênticas.⁵³

Essa raiz comum com o stalinismo explicaria a “ânsia desesperada” dos trotskistas “pela crise econômica”, bem como a sua atitude de denúncia de movimentos “que encontram expressão em formas constitucionais” e seus “ataques contra o movimento mundial pela coexistência”. Thompson criticava o fato de que “as melhores e mais frutíferas ideias” do trotskismo, tais como “a ênfase sobre a democracia econômica e as formas diretas de democracia política”, eram transformados em um discurso fetichista, no qual “conselhos operários” e “soviets” deveriam ser “impostos como a única ortodoxia”. Discordava também da atitude negativa dos militantes trotskistas frente ao espaço institucional conquistado pelos trabalhadores em países capitalistas ocidentais:

A Grã-Bretanha está repleta de soviets: soviets da paz e soviets nacionais de mulheres, soviets de bairros, de distritos urbanos e de

idades. É claro que essas organizações devem ser transformadas; mas são as pessoas por detrás dessas instituições que nós devemos transformar.⁵⁴

O autor seguia alertando para a forma infrutífera como os trotskistas e outros grupos da esquerda ortodoxa manejavam o debate sobre consciência de classe:

A coisa mais impressionante sobre o movimento operário britânico é que não se pode dizer que ele tenha uma consciência de classe falsa ou verdadeira: ele tem uma colcha-de-retalhos de ideias capitalistas, aspirações humanitárias, atitudes classistas.⁵⁵

A forma peculiar da consciência de classe dos trabalhadores britânicos, aponta Thompson, relaciona-se a um caldo de cultura mais amplo, característico de um “povo protestante, desconfiados dos construtores de sistemas”, o que teria contribuído para o predomínio do pragmatismo, “um tipo de consciência fragmentária, intermitente, casuística, mas verdadeira”, capaz de “aceitar, ou meio que aceitar, um arcabouço de ideias capitalistas”, mas ao mesmo tempo de “lutar duramente por certos princípios e interesses dentro dele.” Para não deixar dúvidas de sua divergência em relação às posições trotskistas, Thompson encerrava o raciocínio com um elogio à cultura política dos trabalhadores britânicos, não obstante as limitações mencionadas acima:

Esse pragmatismo que, com certa ironia, Engels admirava, tem servido ao povo britânico um bocado melhor do que os marxistas estão preparados para admitir. [...] Mesmo em questões internacionais, os marxistas tendem a exagerar na crítica; nós não devemos nos esquecer que o povo britânico desempenhou a sua parte – com moral alta e consciente – na reversão da onda do fascismo europeu.⁵⁶

O tom de suas críticas ao “voluntarismo elitista” de boa parte da esquerda permanecia o mesmo vinte anos depois, em *A miséria da teoria*.

(...)fechados no elitismo habitual da intelectualidade, os teóricos desdenham qualquer tipo de relação com um movimento trabalhista que eles (por motivos *a priori*) sabem ser ‘reformista’ e ‘corporativo’, cujas lutas criaram os empregos nos quais eles estão empregados, cujo trabalho fez as cadeiras em que eles sentam, que consegue existir e reproduzir-se sem eles, e cujas pressões defensivas são tudo o que se interpõe entre eles e as razões do poder capitalista.⁵⁷

Posições políticas trotskistas são perfeitamente defensáveis em seus próprios termos, mas não faz sentido buscar respaldá-las em leituras de um autor que não poupou palavras para explicitar o seu distanciamento em relação ao trotskismo. Thompson não fez segredo do fato de que seu feroz ataque ao althusserianismo continha uma “crítica implícita de outros marxismos correlatos”,⁵⁸ classificando toda “defesa do marxismo como doutrina”⁵⁹ e todos os “marxismos entendidos como sistemas teóricos auto-suficientes”⁶⁰ como formas de obscurantismo.⁶¹ Ao exemplificar, referia-se explicitamente a “vários maoísmos, trotskismos e marxismos acadêmicos”, que, em geral compartilham “do mesmo tipo de pensamento religioso no qual o marxismo é proposto como um sistema de verdade final; isto é, como uma teologia”.⁶² A essas abordagens, Thompson contrapunha a defesa de uma “tradição de investigação empírica aberta” igualmente originada na obra de Marx, mas muito distinta das variedades de marxismo doutrinário vinculados às correntes citadas acima.⁶³

Como expressões de caminhos bastante distintos de contribuição da pesquisa histórica para a reflexão sobre o capitalismo e a luta pela sua superação, os diálogos e tensões entre Hobsbawm e Thompson permanecem como um grande exemplo de que não se trata de escolher entre um e outro elemento, mas, parafraseando Gramsci, de buscar o equilíbrio entre o “otimismo da paixão e o pessimismo da razão”.

Notas

* Doutorando em História na Unicamp. Uma versão preliminar deste artigo foi debatida na linha de pesquisa Trabalho, Política e Movimentos Sociais do Programa de Pós-Graduação em História Social do Trabalho da Unicamp. **E-mail:**

¹ Thompson, E. P. (2012). As peculiaridades dos ingleses. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. A. L. Negro and S. Silva. Campinas, SP, Editora da UNICAMP. pp. 75-179. Citação da p. 140

² Hobsbawm, E. J. (2006). Engajamento. In: *Sobre história: ensaios*. E. J. Hobsbawm. São Paulo, SP, Companhia das Letras. pp. 138-154. Citação da p. 154.

³ Thompson, E. P. (1963). *The making of the English working class*. London, Gollancz.

⁴ NEGRO, A. L. Imperfeita ou Refeita? O Debate sobre o Fazer-se da Classe Trabalhadora Inglesa. In: *Revista Brasileira de História* (Impresso). SP, v. 16, n.31/32, pp. 40-61, 1996.

⁵ Minha experiência pessoal com Hobsbawm, em visita ao Brasil patrocinada pelo Instituto Cajamar, em 1992, entretanto, atesta que, para além das eventuais rugas, havia entre ambos profundo respeito. Quando mencionamos nossa intenção de trazer Thompson ao Brasil, Hobsbawm nos explicou, bastante consternado a gravidade da situação da saúde do primeiro, dando a entender que ela evoluía para um quadro terminal, o que se confirmou no ano seguinte.

⁶ Thompson, E. P. (1968). *The making of the English working class*. Harmondsworth, Penguin. p. 832.

⁷ Hobsbawm, E. J. (1987). O fazer-se da classe operária, 1870-1914. *Mundos do Trabalho*. E. J. Hobsbawm. Rio de Janeiro, Paz e Terra. pp. 273-297. Citação da p. 274.

⁸ Hobsbawm, E. J. (1987). História operária e ideologia. *Mundos do Trabalho*. E. J. Hobsbawm. Rio de Janeiro, Paz e Terra. pp 17-33. Citação da p. 18.

⁹ Hobsbawm, E. (2007). *Interesting Times: A Twentieth-Century Life*. Knopf Doubleday Publishing Group. pp. 214, 307.

¹⁰ Hobsbawm, Eric. *Obituary: E. P. Thompson*. *The Independent*. 30 de agosto de 1993. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/people/obituary-e-p-thompson-1464256.html>. Acesso em 14 de janeiro de 2014.

¹¹ Hobsbawm, E. (2007). *Interesting Times: A Twentieth-Century Life*. Knopf Doubleday Publishing Group. p. 212.

¹² *Ibid*, pp. 238, 245.

¹³ Hobsbawm, E. J. (1991). *Estratégias para uma esquerda racional: escritos políticos 1977-1988*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

¹⁴ Hobsbawm, E. (1996). *Era dos extremos: O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras.

¹⁵ Ao analisar a autobiografia de Hobsbawm, Perry Anderson identifica uma tensão presente na definição do primeiro sobre o sentido de sua militância comunista, forjada emocionalmente por uma conversão ao movimento na Berlim de 1932, numa atmosfera marcada ainda pela agenda revolucionária bolchevique, mas com uma perspectiva estratégica consolidada no período das

Frentes Populares. Anderson, Perry. The age of EJH. *London Review of Books*. vol. 24, n. 19, 03 de outubro de 2002 . Disponível no endereço eletrônico: <http://www.lrb.co.uk/v24/n19/perry-anderson/the-age-of-ejh>. Acesso 14 de janeiro de 2014.

¹⁶ Hobsbawm, E. (2007). *Interesting Times: A Twentieth-Century Life*. Knopf Doubleday Publishing Group. Capítulo 9.

¹⁷ Palmer, B. D. (1996). *E. P. Thompson: objeções e oposições*. São Paulo, SP Paz e Terra. pp. 45-49.

¹⁸ *Ibid*, p. 48.

¹⁹ Esse contexto é analisado em detalhe em: Fortes, A., et al. (2001). As peculiaridades de E. P. Thompson. *As peculiaridades dos Ingleses e outros textos*. Campinas, Editora da Unicamp. pp. 11-45.

²⁰ Thompson, E. P. (2012). As peculiaridades dos ingleses. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. A. L. Negro and S. Silva. Campinas, SP, Editora da UNICAMP: 75-179. Citação pp. 129-130.

²¹ Hobsbawm, E. (2007). *Interesting Times: A Twentieth-Century Life*. Knopf Doubleday Publishing Group. Capítulo 10.

²² *Ibid*. p. 211.

²³ Hobsbawm, E. (1978). The historians' group of the Communist Party. *Rebels and their causes*. M. Conforth. Londres, Lawrence and Wishart. pp. 21-48.

²⁴ Hobsbawm, E. (1996). *Era dos extremos: O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras; Hobsbawm, E. J. (2005). *A era dos impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro, Paz e Terra; Hobsbawm, E. J. (2009). *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro, RJ, Paz e Terra; Hobsbawm, E. J. (2012). *A era do capital: 1848-1875*. São Paulo, SP, Paz e Terra.

²⁵ Thompson, E. P. (2012). As peculiaridades dos ingleses. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. A. L. Negro and S. Silva. Campinas, SP, Editora da UNICAMP. pp. 75-179.

²⁶ Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa, Volume III "A força dos trabalhadores"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. p. 426.

²⁷ *Ibid*, p. 423.

²⁸ Polanyi, K. (1980). *A Grande Transformação - as origens de nossa época*. Rio de Janeiro Campus. Capítulos 7-10.

²⁹ Diga-se de passagem, que essa frieza supostamente “racionalista”, que Vitor Hugo immortalizou na figura do Inspetor Jauvert de Os miseráveis, encontra seus representantes no seio da classe média brasileira tradicional hoje em dia, convencida de que “os pobres estão consumindo demais, o que causa um desequilíbrio ecológico terrível”, que “o Bolsa Família mantém um bando de vagabundos”, que “ninguém mais vai poder ter filhos por causa dos direitos trabalhistas das domésticas”, que “precisamos de controle de natalidade”, apesar das evidências demográficas em contrário. Há inclusive quem, a partir dessas premissas, chegue à conclusão de que “temos que acabar com o voto obrigatório”, por que assim “somente as pessoas educadas vão votar”, e a política vai voltar a ser uma atividade de “gente de bem”. O resultado do neoutilitarismo tupiniquim, portanto, é a rejeição da política como atividade aberta a “um número ilimitado de membros”, princípio político liberal-

democrático que Thompson resgata no início de *A formação* como ponto de partida para a construção de organizações operárias.

³⁰ Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa, Volume I "A árvore da liberdade"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. p. 55.

³¹ Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa, Volume III "A força dos trabalhadores"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. pp. 368-374.

³² *Ibid.*, pp. 48-49.

³³ Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa, Volume I "A árvore da liberdade"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. p. 12.

³⁴ Thompson, E. P. (2012). As peculiaridades dos ingleses. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. A. L. Negro and S. Silva. Campinas, SP, Editora da UNICAMP. pp. 75-179.

³⁵ Thompson, E. P. (1981). *A miséria da teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar.

³⁶ Polanyi, K. (1980). *A Grande Transformação - as origens de nossa época*. Rio de Janeiro Campus. pp. 41, 153.

³⁷ Thompson, E. P. (2012). As peculiaridades dos ingleses. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. A. L. Negro and S. Silva. Campinas, SP, Editora da UNICAMP. pp.75-179. Citação da p. 165.

³⁸ Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa, Volume III "A força dos trabalhadores"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. p. 440

³⁹ Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa, Volume II "A maldição de Adão"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Particularmente capítulos 1 e 5.

⁴⁰ Hobsbawm, E. J. (2000). *Os trabalhadores : estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Capítulos 5-7 pp. 83-154.

⁴¹ Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa, Volume II "A maldição de Adão"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. p. 37.

⁴² Para um exemplo do uso da expressão “as atitudes subpolíticas do povo”, Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa, Volume I "A árvore da liberdade"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. p. 111.

⁴³ *Ibid.* pp. 54-55.

⁴⁴ Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa, Volume III "A força dos trabalhadores"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. pp. 380-411

⁴⁵ Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa, Volume I "A árvore da liberdade"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. p.47.

⁴⁶ O diálogo com o tratamento sensível dado por Hobsbawm em *Rebeldes Primitivos* à complexa relação entre metodismo e militância operária é retomado por Thompson em Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa, Volume II "A maldição de Adão"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. pp. 274-285; Hobsbawm, E. J. (1978). *Rebeldes primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Zahar.

⁴⁷ Thompson, E. P. (1987). *A formação da classe operária inglesa, Volume I "A árvore da liberdade"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. p. 55.

⁴⁸ Essa é a expressão adotada por Thompson para criticar a visão teleológica derivada do marxismo estruturalista Althusseriano presente às obras de balanço sobre a formação social britânica escritas por Perry Anderson e Tom Nairn nos

anos 1960. Thompson, E. P. “As peculiaridades do ingleses” In Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva (org.). *E. P. Thompson - As peculiaridades do ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp. 2ª ed. 2012, p. 134.

⁴⁹ <http://tudo-em-cima.blogspot.com.br/2011/01/eric-hobsbawn-lula-e-o-verdadeiro.html>

⁵⁰ Hobsbawm, E. (1996). *Era dos extremos: O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras. p. 480.

⁵¹ MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012, p. 43

⁵² Thompson, E. P. *Socialist Humanism: An Epistle to the Philistines* (1957). Disponível no site: http://www.marxists.org/archive/thompson-e_p/1957/sochum.htm. Acesso em 03 de janeiro de 2014.

⁵³ Thompson, E. P. (1981). *A miséria da teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar. p. 149

⁵⁴ Thompson, E. P. *Socialist Humanism: An Epistle to the Philistines* (1957). Disponível em <http://www.marxists.org/archive/thompson-ep/1957/sochum.htm>. Acesso em 03 de janeiro de 2014.

⁵⁵ Thompson, E. P. “Socialist Humanism: An Epistle to the Philistines” (1957). Disponível em <http://www.marxists.org/archive/thompson-ep/1957/sochum.htm>. Acesso em 03 de janeiro de 2014.

⁵⁶ Thompson, E. P. “Socialist Humanism: An Epistle to the Philistines” (1957). Disponível em <http://www.marxists.org/archive/thompson-ep/1957/sochum.htm>. Acesso em 03 de janeiro de 2014.

⁵⁷ Thompson, E. P. (1981). *A miséria da teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar. p. 211

⁵⁸ *Ibid.* p. 208

⁵⁹ *Ibid.* p. 35

⁶⁰ *Ibid.* p. 185

⁶¹ *Ibid.* p. 186

⁶² *Ibid.* p. 203

⁶³ *Ibid.* p. 187

Data de envio: 15/10/2013

Data de aceite: 28/10/2013